

A ESCRITA PSICANALÍTICA: SOBRE NÃO ESTARMOS TÃO CERTOS ASSIM...

A PSYCHOANALYTICAL WRITTEN: ABOUT NOT BEING SO SURE
LA ESCRITURA PSICOANALÍTICA: NO ESTAMOS TAN SEGUROS ASÍ

Ana Cláudia Santos Meira¹

Resumo: Este trabalho tem como objetivo refletir sobre uma qualidade importante para o escrito psicanalítico, qual seja, uma posição de não certeza. Toma o modelo da associação livre e da atenção flutuante, para propor que, além de regras técnicas da análise, pode pautar também a posição de quem escreve a clínica ou a psicanálise: de abertura, liberdade e circulação dos pensamentos e das elaborações. Também usa como metáfora o caminhar, como um movimento de circulação igualmente importante na busca de saber e conhecer o analisando, quando estamos na clínica; e as novas ideias que surgirão, quando estamos na escrita.

Palavras-chave: Escrita. Escrita psicanalítica. Associação livre. Atenção flutuante.

Abstract: This paper aims to reflect on an important quality of psychoanalytic writing, that is, a position of uncertainty. It takes the model of free association and floating attention, to propose that, in addition to technical rules of analysis, it can also guide the position of those who write the clinic or psychoanalysis: openness, freedom and circulation of thoughts and elaborations. It also uses walking as a metaphor, as an equally important circulation movement in the quest to know the analysand, when we are in the clinic; and the new ideas that will emerge, when we are in writing.

Keywords: Writing. Psychoanalytic writing. Free association. Floating attention.

Resumen: Este trabajo tiene como objetivo reflexionar acerca de una importante cualidad de la escritura psicoanalítica, a saber, una posición de incertidumbre. Toma el modelo de la asociación libre y la atención flotante, para proponer que, además de las reglas técnicas de análisis, también puede orientar la posición de quien escribe la clínica o el psicoanálisis: apertura, libertad y circulación de pensamientos y elaboraciones. También utiliza el caminar como metáfora, como un movimiento de circulación igualmente importante en la búsqueda de conocer al analizando, cuando estamos en la clínica; y las nuevas ideas que surgirán, cuando estamos escribiendo.

Palabras clave: Escritura. Escritura psicoanalítica. Asociación libre. Atención flotante.

¹ Psicanalista pelo CEPdePA, membro do Instituto de Psicanálise da SBPdePA, doutora em psicologia pela PUCRS, autora dos livros *Histórias de captura* e *A escrita científica no divã*, ambos pela Blucher. E-mail: anameira@gmail.com

Quando começamos um trabalho, temos uma ideia do que queremos escrever, elegemos um tema, demarcamos um foco, escolhemos uma situação clínica, sabemos por qual linha teórica seguir e já separamos livros, capítulos e artigos... Tão importante quanto necessário, partimos de um lugar específico e já temos definido o ponto da chegada, como uma viagem; necessário para não nos perdermos, para não desviarmos, para não nos espalharmos em demasia, para não ficarmos desnorteados no meio de tantas possibilidades, na viagem e na escrita.

Em uma viagem, economizamos tempo e dinheiro se sabemos de antemão onde ir, como nos deslocar, o horário dos transportes, se fizermos um planejamento dos passeios, das atrações a serem visitadas, e um roteiro dos dias. Mesmo assim, dizem que a melhor forma de conhecer um lugar é perdendo-se nele. Na escrita psicanalítica, é assim: escreveremos melhor se *nos perdermos* no caminho do processo de elaboração de um trabalho.

Se acreditamos que, para nós, analistas, a escrita segue – por óbvio – a mesma lógica da psicanálise enquanto método de investigação e de tratamento, não podemos entendê-la de outra forma que não andante, solta, aberta e livre, tal como o inconsciente, este que, segundo Freud (2010c), comporta impulsos de desejos fortemente investidos, variados e mesmo contraditórios, que não se subtraem nem se eliminam. “Nesse sistema, não há negação, não há dúvidas nem graus de certeza” (p. 127). Os investimentos são atemporais, desordenados, móveis e dinâmicos, característicos do processo psíquico primário.

Ou seja, o inconsciente e a escrita serão naturalmente cheios de solturas, aberturas e liberdades. O primeiro, já o reconhecemos assim; mas entendamos precisamente o que seriam estes atributos, como seriam essas características na escrita psicanalítica.

PERDER-SE DE INÍCIO

“Ele [o analista] facilmente cairá na tentação de projetar sobre a ciência, como teoria de validade geral, aquilo que, em obscura percepção, ele enxerga das particularidades de sua própria pessoa, carreando descrédito para o método psicanalítico e desencaminhando os inexperientes.”
(Freud, 2010a, p. 158)

Na escrita de um texto psicanalítico, falamos de um processo que só se dá *no andar da carruagem*, ou seja, para escrever, temos que começar e seguir escrevendo... Seria semelhante ao que Freud (2010b) propõe como resposta à incômoda pergunta de um paciente sobre quanto tempo durará o tratamento. Tomando a resposta do filósofo ao andarilho, na fábula de Esopo – quando o caminhante pergunta-lhe quanto tempo teria de jornada –, ele responde: “Anda!” (p. 171). Sem conhecer de antemão a amplitude do passo do andarilho, não poderia lhe dizer quanto tempo a viagem duraria.

Dá-se da mesma forma com a escrita. Começamos um trabalho com um *norte* que é naturalmente escolhido por algo que desperta nosso interesse naquele momento, por uma situação da clínica que se nos escapa, por algum conceito que não apreendemos, por alguma questão vista em seminário que ficou insuficientemente compreendida, por nossas vivências na Formação, por nossa observação dos fenômenos da cultura... Então, sim, partimos de um ponto em particular, um norteador; este norte, porém, precisará ser consideravelmente flexível, para que possamos redefinir a rota sempre que a escrita assim exigir...

CONVIDADO

Porque isso acontece: o próprio processo de escrever vai nos fazendo enxergar, pensar, perceber coisas que, até então, não sabíamos ou não víamos, possibilitando descobertas inesperadas e provocando uma mudança de vértice.

É nesta mesma posição que precisamos estar na sessão com um analisando: embora saibamos muita coisa de sua história, embora lembremos dos assuntos da sessão anterior, embora já tenhamos em mente sua dinâmica ou tenhamos ideia de sua estrutura, precisamos chegar a cada novo encontro desprovidos de ideias predeterminadas ou de expectativas. E é somente a partir deste estado que o novo pode surgir e ser escutado, aquilo que do inconsciente se faz ver por cada formação substitutiva ou pela fala do analisando que, idealmente, é fluida.

Ao definir a atenção livre e flutuante como condição básica do escutar analítico, Freud (2010a) descreve a posição do analista de tudo notar, igualmente, mantendo “toda influência consciente longe de sua capacidade de observação e entregar-se totalmente à sua ‘memória inconsciente’, ou, expresso de maneira técnica: escutar e não se preocupar em notar alguma coisa” (p. 150). Assim, é aos poucos que uma construção vai se fazendo e refazendo:

Os elementos do material que já formam um nexos ficarão à disposição consciente do médico; outros, ainda não relacionados, caoticamente desordenados, parecem primeiro submersos, mas emergem prontamente na consciência, tão logo o paciente traz algo novo, ao qual aqueles podem se ligar e mediante o qual podem ter continuidade (Freud, 2010a, p. 150).

Logo, não temos uma ideia clara e completa de pronto, não temos todos os elementos à nossa frente dispostos; por isso, a necessidade de abertura e receptividade. Ao falar de uma posição aberta, de utilizar tudo o que lhe é comunicado – sem concepções ou pressupostos – para o reconhecimento do inconsciente, Freud (2010a) oferece a seguinte imagem: “Ele [o analista] deve voltar seu inconsciente, como órgão receptor, para o inconsciente emissor do doente, colocar-se ante o analisando como o receptor do telefone em relação ao microfone” (p. 156). O risco de não o fazer, Freud (2010a) o indica: se fixarmos propositalmente nossa atenção em um ponto específico, começaremos, de forma tendenciosa, a selecionar partes e excluir outras segundo nossas inclinações. “Justamente isso não podemos fazer; seguindo nossas expectativas, corremos o perigo de nunca achar senão o que já sabemos; seguindo nossas inclinações, com certeza falsearemos o que é possível perceber” (p. 149).

E quanto ao motivo disso, talvez Freud (2018) dê uma pista quando explica o funcionamento do aparelho psíquico, no complexo jogo entre as instâncias, em busca de lidar com o que causa desprazer. Para defender-se do desprazer no confronto com a percepção da realidade, podemos fugir: evitamos, afastamo-nos, ignoramos o elemento concreto que incomoda ou ameaça. Dos perigos internos, todavia, algo mais seria necessário:

De si próprio não se pode fugir, do perigo interno não há fuga, e por isso, os mecanismos de defesa do Eu estão condenados a falsear a percepção interna e nos possibilitar apenas um conhecimento defeituoso e deformado. Em suas relações com o Id, portanto, o Eu é paralisado por suas limitações ou cegado por seus erros, e o resultado disso, no plano do funcionamento psíquico, deverá ser o mesmo de quando se faz uma caminhada por uma região que não se conhece e não se tem boas pernas (Freud, 2018, p. 304).

Mais uma vez, acompanha-nos a metáfora da caminhada, deste andar – seja na dinâmica intrapsíquica, seja na análise ou na escrita psicanalítica – que necessita não só de pernas, como também de movimento por regiões que só serão conhecidas no andar; é neste aventurar-se por este até então desconhecido que teremos as maiores chances de encontrar algo que, por ser novo, lacunar e incerto, faça mais sentido e promova ligações. No prefácio das *Novas conferências introdutórias à psicanálise*, Freud (2010e) segue com esta preocupação:

A intenção que me guiou foi nada sacrificar a uma aparência de simplicidade, completude e unidade, não ocultar problemas, não negar a existência de lacunas e incertezas. Em nenhum outro campo de trabalho científico alguém poderia se gabar de propósitos assim tão sóbrios e modestos (Freud, 2010e, p. 125).

Assim seria também na escrita psicanalítica: na primeira etapa da elaboração de um texto, estaremos receptivos a tudo o que vem e, sem nos fixarmos em um ponto estático, abertos a sermos surpreendidos por fatos novos, ideias inéditas, reflexões inauditas e pensamentos originais. De novo, temos um ponto de partida estabelecido, mas, ao longo do processo de escrever, nossa posição será mais de busca do que de definições prévias.

Voltando à relação analítica, outra atitude interna desejada é que o analisando se coloque em uma posição de nada selecionar nem eliminar, de nada julgar nem censurar. Então, Freud (2010b) formula a regra fundamental da análise: a associação livre, que ele comunica a cada pessoa que deita suas questões no divã:

Ainda uma coisa mais, antes de você começar. Há um ponto em que seu relato deve ser diferente de uma conversa normal. Enquanto geralmente se procura, com razão, manter um fio condutor naquilo que se expõe, excluindo as associações e pensamentos secundários que perturbam a exposição, para não ir do “centésimo ao milésimo”, como se diz, você deve proceder de outro modo. Observará que, durante seu relato, ocorrerão pensamentos diversos que você gostaria de rejeitar, devido a certas objeções críticas. Estar tentado a dizer a si mesmo que isso ou aquilo não vem ao caso, ou é inteiramente irrelevante, ou é absurdo e, então, não é preciso comunicá-lo. Não ceda jamais a essa crítica, e comunique-o apesar disso, ou melhor, precisamente por isso, porque você sente uma aversão àquilo (Freud, 2010b, p. 180).

Freud (2010b) segue com esta proposta, quando solicita que este analisando diga tudo o que lhe vier à mente: “comporte-se, por exemplo, como um viajante que está sentado à janela do trem e descreve para seu vizinho, alojado no interior, como se transforma a vista ante seus olhos” (p. 181). Se imaginarmos a mesma orientação sendo-nos dada quando sentamos para escrever, estaríamos nesta posição: de contar no papel – nosso primeiro vizinho de vagão – os vários caminhos, ideias, pensamentos, formulações e reformulações que vamos, pelo andar do processo, fazendo, desfazendo e refazendo.

Se, na escrita, estivermos com a mesma tendência ao predeterminado, ou com a mesma pressa de um analisando que se põe reticente quanto ao andar, tentaremos algo que não tem como acontecer: apertar o passo para além do que é possível, o que leva somente à frustração. Então, outra rica metáfora para falar sobre o ritmo com que as mudanças psíquicas ocorrerão é o jogo de xadrez, no qual, como na análise, conforme a descrição freudiana, o “processo iniciado

CONVIDADO

segue seu próprio caminho e não permite que se prescreva nem sua direção nem a sequência dos pontos que ataca” (Freud, 2010b, p. 174):

Quem desejar aprender nos livros o nobre jogo do xadrez logo descobrirá que somente as aberturas e os finais permitem uma descrição sistemática exaustiva, enquanto a infinita variedade de movimentos após a abertura desafia uma tal descrição (Freud, 2010b, p. 164).

Como na escuta de quem nos busca na clínica, estendamos esta metáfora para a construção de um texto em psicanálise: temos conhecimento dos movimentos iniciais e das primeiras jogadas, assim como uma meta; mas estaremos abertos e suscetíveis para que a variedade dos caminhos possíveis vá se mostrando. Diferente do xadrez — em que o final é o xeque-mate —, porém, digamos que, na primeira metade da escrita, percorremos um caminho de forma fluida e flutuante; na segunda metade, do meio para o final, é outra história! Assim vamos dar andamento e encaminhamentos, achados e definições, onde só podemos, contudo, chegar, se antes tivermos circulado livremente.

Na escrita, postamo-nos em ambas as posições descritas por Freud para o analisando e para o analista: de associação livre e de atenção flutuante, de quem fala e de quem escuta, de quem lê os autores e de quem transcreve suas ideias, de quem escreve e de quem se lê no próprio escrito. Assim, transitaremos pelo texto que vai sendo construído aos poucos.

ESCRITAS SEM CERTEZAS

Além das posições nas quais podemos nos colocar ao longo do processo de escrita, pensemos que também o texto que vai se construindo guarda uma qualidade importante para um analista, quando exerce seu ofício na sala de análise. Falamos aqui de uma escrita que não comporta afirmações absolutas e fechadas, o uso de superlativos e imperativos. Para dar exemplos bem concretos, palavras como *sempre*, *nunca*, *todos*, *nenhum*, *ninguém*, *nada* ou *tudo* não fariam sentido em um texto psicanalítico.

Para ilustrar esta posição que é, acima de tudo, subjetiva, tomemos um parágrafo da *Conferência 31* de Freud (2010f); nele, encontramos algumas frases ou expressões que grifarei por revelarem uma posição de “não certeza”, valiosa para o analista que escuta e para o analista que escreve:

Não sei se com vocês sucede o mesmo que comigo. Desde que, sob a forte impressão desse quadro clínico, tive a ideia de que a separação de uma instância observadora do resto do Eu poderia ser um traço regular da estrutura do Eu, essa ideia não me abandonou mais, e fui impelido a investigar as demais características e relações dessa instância assim segregada (Freud, 2010f, p. 195).

Além de Freud-escritor admitir-se não absoluto, não já sabedor, não no domínio de um conhecimento acabado, ele convida o leitor a estar em pé de igualdade com ele na posição de busca e de interrogar-se.

Outro exemplo do mesmo texto é quando Freud (2010f) apresenta suas ideias sobre a consciência:

Não parece haver em nós algo mais que separamos regularmente do nosso Eu e a ele contrapomos tão facilmente, como a nossa consciência. Sinto

uma inclinação para fazer algo que promete me dar prazer, mas não o faço, argumentando que minha consciência não o permite. ... Eu poderia simplesmente dizer que a instância especial que começo a distinguir no Eu é a consciência, mas é mais prudente conservar essa instância como algo independente e supor que a consciência seja uma de suas funções... (Freud, 2010f, p. 196).

As partes grifadas mostram esta posição não de afirmação – que é fechada e absoluta –, mas de proposta, de possibilidade, de alternativa, de algo que ele pensa, mas que pode se revelar de outra forma, ou ser vista de modo diverso por outra pessoa. Tal posição está evidenciada por Freud (2010f) já nos primeiros parágrafos da mesma conferência:

A verdade foi simplesmente que, em vista da natureza laboriosa do progresso feito pelo trabalho científico, até mesmo a psicanálise não conseguiu estudar todas as áreas simultaneamente e expressar suas opiniões sobre todos os problemas de um fôlego só. Mas, por fim, atingiu-se o ponto em que nos foi possível desviar nossa atenção do reprimido para as forças repressoras, e encontramos esse ego que parecera tão evidente por si mesmo, com a segura expectativa de que aqui novamente haveríamos de encontrar coisas para as quais não podíamos estar preparados. Não foi fácil, porém, encontrar uma abordagem inicial; e é a respeito disto que pretendo falar-lhes hoje (Freud, 2010f, p. 193).

Ele dá a conhecer ao leitor um processo que precisou acontecer dentro dele, em primeiro lugar: uma construção que não se fez e não se faz *de um fôlego só*, revela-nos o criador da psicanálise. O trabalho sobre o tema que elegemos – seja qual for – passará por ideias iniciais, o ponto de partida de que falamos, por um caminho que progride laboriosamente, por desvios, por expectativas e – importante – por encontros inesperados. Estes encontros só se darão, contudo, nesta posição de abertura e não certeza, que caracterizará tanto internamente o analista que escreve como externamente o texto que ele produz.

Seguindo e abrindo, Freud reconhece:

Não posso dizer com certeza por que isto tem de ser assim. Pensei, antes, que os senhores descobririam que, enquanto anteriormente eu lhes relatei principalmente fatos, embora estranhos e característicos, os senhores, agora, estarão ouvindo principalmente opiniões – isto é, investigações teóricas (Freud, 2010f, p. 93).

E expõe como é sua posição de movimento, não estática:

Fui obrigado a rejeitar também outras explicações do resultado que prevejo: agora acredito que é, de certo modo, uma decorrência da natureza do material em si, e de não estarmos acostumados a abordá-lo. Em todo caso, não me surpreenderei se os senhores se mostrarem ainda mais reservados e cautelosos no seu julgamento do que até agora (Freud, 2010f, p. 193).

Além de generoso, seu permanente diálogo com o leitor fala de uma humildade bem-vinda ao ofício da psicanálise, seja na clínica, seja na escrita. Um trecho onde isso fica claro é o ponto 8 de *O mal-estar na civilização*:

Chegando ao fim desse caminho, o autor precisa desculpar-se com o leitor por não lhe ter sido um guia mais hábil, por não lhe haver poupado trechos monótonos e digressões penosas. Não há dúvida de que é possível fazer melhor. Tentarei, em seguida, compensar em parte esses defeitos (Freud, 2010d, p. 106).

Se Freud, com toda sua intimidade e habilidade com a escrita, assim se posta, como nós não o faríamos? Entendo a humildade – a que me referi – como a capacidade de saber-se não todo, não pleno, não certo; de manter-se em dúvida, porque a dúvida abre, ela expande nosso olhar e nossa escuta. Quando escutamos um analisando e temos convicção de saber do que ele nos fala, ao invés de indagarmos o que significa para ele tal acontecimento, fechamos a questão em nossa mente – quando ouvimos somente aquilo que já estava lá – e na mente dele, porque não renovamos o convite de *falar mais sobre isso*. Algo ali supôs-se certo, dado, sabido e, por isso, fechado.

ABERTURAS NO FINAL

Na conferência *Acerca de uma visão de mundo*, Freud (2010g) descreve a *Weltanschauung* como “uma construção intelectual que, a partir de uma hipótese geral, soluciona de forma unitária todos os problemas de nossa existência, na qual, portanto, nenhuma questão fica aberta” (p. 322). Apesar de entender que uma visão assim atende aos ideais de todo ser humano e dá-lhe segurança, ela está longe dos ideais da psicanálise e, acrescentamos agora, da escrita psicanalítica. É exatamente a realização de um trabalho escrito que ele compara com o processo de análise:

Levamos expectativas para o trabalho, mas temos que refreá-las. Através da observação, aprendemos algo novo – ora aqui, ora ali –, e, inicialmente, as peças não encaixam. Estabelecemos hipóteses, fazemos construções auxiliares, que retiramos quando não se confirmam; necessitamos de muita paciência, de prontidão para toda possibilidade; renunciamos a convicções prematuras, que nos obrigariam a não enxergar fatores novos e inesperados, e, por fim, todo o esforço é recompensado, os achados dispersos se combinam, obtemos uma visão de toda uma parcela do funcionamento mental, completamos nossa tarefa e estamos livres para a próxima (Freud, 2010g, p. 343).

Fica claro que Freud é um modelo – para além do *ser analista* – para sermos escritores de uma escrita psicanalítica. Diferente de outras matérias, ele reconhece que, na psicanálise, é-nos impossível chegar com certeza a um conhecimento: vamos indo. Um exemplo é quando ele afirma, em *O mal-estar na civilização*:

E bem podemos dar um suspiro, ao perceber que a alguns indivíduos é dado retirar sem maior esforço, do torvelinho dos próprios sentimentos, os conhecimentos mais profundos, aos quais temos de chegar em meio a torturante incerteza e incansável tatear (Freud, 2010d, p. 105).

E assim seguimos tateando, bem sustentados em autores que nos precederam, pois sabemos – quando caídos de nossas aspirações narcísicas – que estamos onde estamos porque aprendemos com quem preparou o caminho, e sabemos o que sabemos porque lemos quem se debruçou em seus escritos antes

de nós, e escutam uma série de coisas, ideias e conteúdos e construções, que nos permitiram, bem edificadas e apoiadas, dar um passo além naquilo que nós mesmos pensamos e ampliamos.

Para isso, no texto psicanalítico, mais do que certezas, nossas frases trariam hipóteses; mais do que convicções, elas trariam possibilidades; mais do que provas, pensaríamos em mostras; mais do que generalizações, ofertaríamos a *nossa* visão acerca do fenômeno que nos demanda atenção, do tema que elegemos, da interrogação que colocamos. Produziremos um texto aberto ainda que costurado; arejado ainda que profundo; com fendas e frestas suficientes para o pensamento circular; receptivo ao pensar do outro, leitor que tem abertas as suas próprias reflexões, como pudemos nós fazer, enquanto leitores dos autores que fundamentaram e impulsionaram nossa escrita.

E, nesse estado de não estarmos tão certos assim, é possível que cheguemos mais longe, no que de mais profundo há e nos interessa, nas questões do inconsciente com sua não fixidez e suas aberturas, com sua intensidade e seu movimento. Movimentando-nos mais livremente na escrita, ampliamos um saber que só se dá a partir da falta e da ausência daquilo que preenche (e que, quando preenche, não deixa espaço de circulação) e ofertamos a nosso leitor aberturas que trazem também a ele possibilidade de circular e de pensar para além.

REFERÊNCIAS

- Freud, S. (2010a). Recomendações ao médico que pratica a psicanálise. In S. Freud, *Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia ("O caso Schreber")*, artigos sobre técnica e outros textos. São Paulo: Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1912).
- Freud, S. (2010b). O início do tratamento. In S. Freud, *Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia ("O caso Schreber")*, artigos sobre técnica e outros textos. São Paulo: Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1913).
- Freud, S. (2010c). Os instintos e seus destinos. In S. Freud, *Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos*. São Paulo: Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1915).
- Freud, S. (2010d). O mal-estar na civilização. In S. Freud, *O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos*. São Paulo: Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1930).
- Freud, S. (2010e). Novas conferências introdutórias à psicanálise. Prefácio. In S. Freud, *O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos*. São Paulo: Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1933).
- Freud, S. (2010f). Novas conferências introdutórias à psicanálise. A dissecação da personalidade psíquica. In S. Freud, *O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos*. São Paulo: Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1933).
- Freud, S. (2010g). Novas conferências introdutórias à psicanálise. Acerca de uma visão de mundo. In S. Freud, *O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos*. São Paulo: Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1933).
- Freud, S. (2018). Análise terminável e interminável. In S. Freud, *Moisés e o monoteísmo, compêndio de psicanálise e outros textos*. São Paulo: Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1937).